

# Chico Mendes e a cultura americana

MATTHEW SHIRTS

**S**empre que uma cultura fala de outra, acho interessante. É o que explica, em parte pelo menos, a minha curiosidade por redes de computadores. Em qualquer momento do dia ou da madrugada, pode-se ligar a rede e "falar" com algum australiano, por exemplo. Foi por isso, também, que corri para alugar *Amazonas em Chamas*, vídeo feito para a HBO, empresa de TV a cabo norte-americana, sobre a vida e a morte de Chico Mendes.

As produções da HBO não chegam a ser exatamente obras primas, tampouco contam com orçamentos spielberguianos. Mes-

mo assim, este filme, ao menos, tem o saudoso Raul Julia no papel principal e a Sonia Braga num papel secundário e estranho. Não se pode dizer que é de todo ruim. Aliás, se for avaliado sob o prisma — meio ultrapassado enquanto conceito, hoje — de "filme feito para a TV" até que tá bom demais. Acabei vendo duas vezes, confesso. Esta, aliás, é a grande vantagem do vídeo, um formato injustamente desprezado pelos cinéfilos mais xiitas: diferente do filme visto no cinema, o vídeo acaba adquirindo algumas das feições do livro, pode ser assistido duas ou três vezes com grande facilidade, consultado, etc. As locadoras, inclusive, fazem um pouco o papel que as bi-

## CRÔNICA

bliotecas faziam antigamente. Não sou especialista em questões da região amazônica, nem em meio ambiente. Sei o que qualquer paulista de classe média, leitor de jornais e revistas, sabe sobre o caso Chico Mendes. Nada mais.

Mas apesar desta ignorância relativa, tive grandes dificuldades para acreditar na versão apresentada pelo filme. Bem ou mal, nós aqui sabemos que Chico Mendes existiu, um homem de carne e osso que se sentiu obrigado a enfrentar as contradições sociais brasileiras no que elas têm de mais barra pesada.

É difícil crer, mesmo sem conhecer a fundo a sua história, que tudo tenha transcorrido co-

mo num filme de Hollywood. Mas é esta a visão da vida de Chico Mendes passada por *Amazonia em Chamas* (a tradução do título original é uma paródia curiosa de *Mississippi em Chamas*, outro filme político com um rio no nome).



Epitácio Pessoa/AE  
Matthew Shirts é historiador e brasilianista

Não quero discutir a veracidade do filme, mas sim o seu esquema narrativo que faz com que quase todos os conflitos da história do mundo se pareçam. O narrador anuncia logo no início tudo o que vai acontecer. Diz que durante gerações, milhares de homens foram atraídos à região amazônica e explorados: "Finalmente nasceu um homem disposto a reagir". Ou seja, em nome do nosso herói, toda a experiência histórica anterior da região é

igualada e desprezada. Em contraste com o magistral *Brincando nos Campos do Senhor*, de Héctor Babenco, por exemplo, o que interessa não são as relações sociais e espirituais na região. Mas apenas e tão somente os desafios da luta — quase particular — de Mendes, que por sua vez, poderia ser um líder comunitário de Los Angeles, um militante gay em Nova York ou um padre esquerdista na República Dominicana. Apesar da interpretação carismática de Raul Julia, digase de passagem, que torna Mendes extremamente atraente e sexy.

A impressão de que os conflitos retratados por *Amazonas em Chamas* poderiam passar em qualquer lugar a qualquer momento da história é reforçada pelo fato de só se falar inglês no filme. Eu sei que isso deve ser uma exigência dos produtores, se bem que nunca entendi por que o resto do mundo pode ver filmes le-

gendados sem maiores problemas e os americanos, não.

O pior é que não é nem exatamente inglês, mas uma espécie de dialeto que existe apenas no cinema: inglês com um leve sotaque. "Brazil", para se dar um exemplo, é pronunciada em inglês por supostos brasileiros como se fosse uma palavra de língua espanhola. Enfim, não foi desta vez que consegui satisfazer a minha sede de ver uma cultura falando de outra. Pelo menos no plano narrativo, *Amazonas em Chamas* não transcende o âmbito restrito da cultura televisiva norte-americana.

P.S. Na crônica de sábado passado cometi um erro. Escrevi que a rede de fast-food McDonald's não deu certo em Portugal. Segundo Mario Prata, a minha grande fonte de informações sobre cultura atual da península ibérica, não é bem assim. Desculpem a nossa falha.